

**A REPÚBLICA  
DAS ABELHAS/  
RODRIGO  
LACERDA**

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Rodrigo Lacerda

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro / Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

REVISÃO

Ana Maria Barbosa

Angela das Neves

Os personagens e os fatos históricos desta obra existiram  
e foram aqui respeitados em linhas gerais.  
As situações criadas a partir do cruzamento de ambos,  
entretanto, algumas vezes são puramente ficcionais,  
em outras provêm de memórias e relatos de algum envolvido  
em tais eventos, quase nunca condizentes com as memórias  
e os relatos dos outros envolvidos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Lacerda, Rodrigo

Carlos Lacerda: a república das abelhas / Rodrigo Lacerda. —  
1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2352-0

1. Brasil — História 2. Brasil — Política e governo
3. Ficção biográfica 4. Lacerda, Carlos, 1914-1977
5. Políticos — Brasil I. Título

13-11180

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático

1. Ficção biográfica: Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## SUMÁRIO

### **O CÃO NEGRO**

As aldeias do capitão Werneck 10

O cão negro 23

A política pode ser: 67

### **CAMARTELOS, CAVALOS DE CHARRETE E OUTROS DESTRUIDORES SISTEMÁTICOS**

Um soco na terra 74

A primeira conspiração 89

Contra ou a favor? 103

ABC do comunismo 121

Mandado judicial 137

A revolução que poderia ter sido 177

Coração quase bárbaro 204

Burocracia revolucionária 225

Carro napolitano 242

Baudelaire decretou 261

Essa palavra estranha 269

“Eu meto bala!” 312

Anauê! 342

Bananas e matemáticas 354

A grande decepção 403

Tiro no pé 443

### **DEBAIXO DA TERRA**

Getúlio, Clemenceau e eu 490

Lacerdinhas 505

# **O CÃO NEGRO**

**AS ALDEIAS DO CAPITÃO WERNECK**

No cair da tarde, dois índios vão para o centro da aldeia, enfeitados com cocares de penas, chocalhos nos tornozelos e tocando flautas que têm mais de um metro de comprimento. Então se põem a dançar, em fila. A dança consiste em passos rápidos de marcha, executados para a direita e para a esquerda, marcados pelo som dos chocalhos e das flautas. Depois de dançarem demoradamente, dois outros índios se aproximam e recebem os instrumentos. Enquanto os primeiros entram numa maloca, esses permanecem do lado de fora, como sentinelas dançantes.

Quando saem lá de dentro, os dois guerreiros estão acompanhados cada um por uma índia, que tem a mão no ombro do parceiro e o acompanha na dança. Os dois casais e os dois índios desparelhados saem dançando em direção à próxima maloca, novamente em fila. Ao chegarem, os papéis se invertem. Entram as sentinelas, enquanto os guerreiros que já formaram casal dançam do lado de fora com as mulheres, e tocam as benditas flautas. E assim vai a coisa, passando por todas as malocas da aldeia. A quantidade de gente envolvida aumenta pouco a pouco, até formarem-se duas filas imensas de gente dançando. Todo o ritual é feito para atrair os bons espíritos, e afugentar os maus.

Outra dança indígena, bem mais conhecida, é convocada quando morre um grande chefe. Várias aldeias se juntam para elevar o recém-falecido ao panteão dos espíritos sagrados. Tudo começa com um tronco da árvore mítica, que os índios passam o dia cortando e carregando até o local previamente escolhido, evocativo do cemitério dos ancestrais. As mulheres também tomam suas providências, preparando tintas, caldos e comida. Ao nascer do sol, as aldeias põem-se a cantar e dançar. No auge da festa, em homenagem aos guerreiros do passado, os homens se enfrentam numa luta corporal, todos pintados de preto e vermelho.

Eu não sou índio, e mesmo que fosse preferiria não ser escolhido pela Dona das Almas, a Justiceira, para reencarnar em outro corpo. Sonho apenas com um lugarzinho na Terra sem Mal, para onde vão os espíritos dos homens e das mulheres que demons-

traram bravura nas guerras, ou que souberam cumprir os rituais de vida e morte. Lá onde os traidores não podem entrar, onde há fartura e não sofrimento ou doença, onde os velhos viram moços, onde se chega ao fim da vida física, esse estado subnatural.

Só tem uma coisa: quero uma Terra 100% sem Mal. Não admito fazer o papel dos nativos que, durante a colonização, levados nas caravelas junto com o pau-brasil e outras riquezas, viajaram para a Europa de bom grado, felizes da vida, imaginando estar sendo levados rumo ao paraíso. Esses eram otimistas incorrigíveis.

\*

Quando terminou o verão e o calor prometeu baixar, a segunda expedição de catequese partiu rumo à serra de Santana. Após três semanas margeando o leito barrento e pedregoso do Paraíba, procurando em vão as trilhas que subiam as montanhas, enfim os mateiros encontraram os rastros dos índios. A expedição embrenhou-se então no trecho conhecido como Mato Dentro, ou Serra Azul.

Já era noite quando avistou, do alto do morro, os fogos de uma grande aldeia, feita de palhoças rústicas, de beira de chão, dispostas em círculo. Havia umas cinquenta na baixada, de tamanho e altura variados. Pertenciam à nação dos coroados, apelido que ganharam em referência ao corte de seus cabelos, em cuja no alto da cabeça. Na língua deles, não sei que nome se davam. Aqueles índios falavam um dialeto derivado da língua tupi, porém corrompido por uma pronúncia um tanto aspirada, que lhes modificava as palavras.

Sua pele era de tom assemelhado à do mulato escuro, e possuía estatura mediana, sendo as mulheres, como entre nós, mais baixas que os homens. Estes eram musculosos e bem delineados. Os coroados comiam frutas e caças, abatidas sem o uso de flechas, considerado um desperdício contra animais. Caçavam com lanças, objetos mais reaproveitáveis, ou iam na mão mesmo.

Segundo constava no documento, descendiam do cruzamento entre duas tribos (seria mais correto dizer “povos” ou “etnias”?, sempre fico na dúvida; “etnia” soa mais científico), os goitacases e os coropós. A fusão cultural e genética teria ocorrido após uma gigantesca batalha, resultando na absorção dos coropós pelas aldeias vencedoras. Mas isso era o que informava a tradição oral, uma reminiscência meio mitológica. A informação comprovada sobre a origem dos coroados, e bem mais recente, datando de uns cem anos antes daquela noite, dizia terem eles sido expulsos do litoral pelos brancos, indo buscar refúgio ali, na parte noroeste da então capitania do Rio de Janeiro.

Antes seus pajés tivessem escolhido outro sertão para recomeçar a vida. A serra de Santana, infelizmente, colocara-os no caminho da riqueza que vinha de Minas Gerais, em direção ao maior porto do vice-reino, na sede fluminense. Segundo a crônica oficial, de início a violência dos coroados impediu a fundação de arraiais, a abertura de estradas e, por consequência, a constituição de postos alfandegários regulares. A passagem não controlada até o Rio, justamente por ser perigosa, servia apenas aos contrabandistas de ouro e diamantes, prejudicando duplamente, além-mar, o Tesouro de Sua Majestade el-rei d. Pedro III.

Para atacar o problema, o monarca distribuiu sesmarias pela região. Concedendo a seus titulares o direito de explorar as terras, esperava que, em troca, garantissem um curso seguro às tropas e mercadorias. Como era de se esperar, a criação desses latifúndios acirrou, e tornou rotineiro, o choque entre gentios e cristãos.

Cada aldeia coroadada possuía um cacique, porém todas se subordinavam, em alinhamento automático, ao cacique de uma aldeia principal. Os chefes menores consultavam-no para tudo, executando suas determinações a todo o risco e pontualidade. Qualquer desobediência ou dissidência trazia para o rebelde e sua aldeia uma condenação geral. E o grande chefe, lá atrás, diante do assédio crescente dos brancos, ordenara guerra de morte contra os invasores. Estes, por sua vez, julgavam ter in-



teresses civilizatórios e econômicos legítimos, abençoados no “santo grêmio da Igreja”.

A violência explodiu na região. Sesmeiros e gentios mataram-se à vontade, uns com armas de fogo, outros portando machados, arcos e flechas erva-das. Aos poucos, sobre a tenacidade dos gentios, prevaleceu a superioridade do armamento. Mas, até isso acontecer, alguns cristãos se destacaram pela desumanidade em combate, levando o cronista a admitir que “propiciavam irrefutável exemplo dos dizeres de são Martinho, pelos quais até a mais nobre missão pode ser cruelmente executada”.

Após uns dez anos de carnificina, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão começou a ser gestada na França revolucionária, e os princípios iluministas já serviam de base à recém-promulgada Constituição norte-americana. O resultado foi que a matança na serra de Santana, estimulada pela Coroa, despertou a indignação humanitária interna e externa (essas coisas já aconteciam naquela época, só demoravam um pouco mais). Pressionado, d. Luís de Vasconcelos, o vice-rei do Brasil, sediado em Salvador, julgou concluída a fase do extermínio puro e simples. As tribos sobreviventes estavam fracas e, na maioria, resignadas. Por decreto, exatamente em 1789, d. Luís ordenou a montagem da primeira força-tarefa para a catequese dos coroados. Era a única forma de protegê-los da violência dos particulares.

Como “sói acontecer” nas políticas públicas brasileiras — minha fonte para quase toda essa história, é bom lembrar, foi um relato de 1804 —, a realidade não seguiu com muita presteza a nova ordem imperial, e a guerra de extermínio continuou por mais onze anos. Ou a sociedade local não quis obedecer, ou o poder não mandou para ser obedecido, ou as duas coisas.

O sucessor de d. Luís, o conde de Resende, famoso por seu autoritarismo e temperamento explosivo, decidiu então montar uma segunda expedição de catequese. Transferiu (*et pour cause...*) ao dono da Fazenda Pau Grande, José Rodrigues da Cruz, um dos potentados da região, a tarefa de organizá-la, embrenhar-se

nos sertões e, pacificamente, atrair os selvagens para núcleos de povoamento a serem criados.

Sob as ordens de José Rodrigues, entre outros bandeirantes tardios estava o capitão de ordenanças Inácio de Sousa Werneck. A expedição deve ter funcionado razoavelmente bem, tanto que uma terceira foi organizada dois anos mais tarde, em 1802. Nela, porém, o capitão Werneck comandava a própria tropa. Em sua nomeação, que tive em mãos certa vez, no Arquivo Público Estadual, lia-se mais ou menos o seguinte (eu cito de cabeça, claro):

“Toda a pessoa a quem esta ordem régia for apresentada prestará o auxílio que lhe requerer o capitão de ordenanças Inácio de Sousa Werneck para a aldeação dos índios coroados, que igualmente por ordem régia se mandou estabelecer nas margens superiores do rio Paraíba.”

Era essa terceira expedição que estava agora lá no alto da serra de Santana, escondida pelo mato e pela escuridão, acompanhando os movimentos nas choças indígenas. Ainda que o poderio das tribos não fosse o mesmo de vinte anos antes, e a maioria delas estivesse esmagada pela superioridade militar dos brancos, deixando-se conduzir sem resistência pelos soldados até os aldeamentos, a aproximação deveria ser feita com cuidado.

A choça principal, grande e fortemente iluminada, resplandecia em meio à floresta. Os caciques pareciam estar em pleno ritual deliberativo, como indicava o farto consumo de bebidas fermentadas e alcoólicas, alteradoras de seus sentidos e ampliadoras de sua razão. Quando deram mostras de haver terminado, juntaram-se à beira da choça e começaram a entoar cânticos, enquanto os guerreiros tocavam uma espécie de trombeta melancólica, um som grave, de mugido órfão, que se espalhou pela floresta. Finalmente se puseram a dançar, e nisso gastaram as primeiras horas da madrugada.

Vendo os índios em festa, mas seus homens molestados pelo rigor dos caminhos e do tempo, ainda muito quente, o capitão Werneck deixou duas sentinelas em pontos estratégicos, muito

bem escondidas, e fixou acampamento a uma ou duas léguas da aldeia, morro acima. Uma vez armadas as tendas, estendidas as mantas e alongados os corpos, o capitão e sua tropa cuidaram de botar o sono em dia.

Não sei dizer quando a primeira leva dessa família de portugueses com sobrenome alemão havia chegado ao Brasil. Há várias versões para a história. Um primo distante me procurou certa ocasião e, demonstrando muito mais talento para a genealogia do que eu, vendeu-me o peixe de que os Werneck descendiam de uma importante família judia, ligada ao comércio fluvial do rio Wern, por sua vez um afluente do Reno. A partícula “eck”, para quem não sabe, e eu não sabia, quer dizer “curva” em alemão, e era, portanto, numa curva do rio Wern que a família tinha seu castelo. Na origem, os Werneck foram conhecidos como “barões da barça”. Com as guerras religiosas, teriam descido até a península Ibérica e perdido tudo, menos a pose, pelo caminho. Quando veio a Inquisição espanhola, perderam até a pose, indo parar nos Açores, e alguns se arriscaram a tentar a sorte nas possessões ultramarinas.

Inácio de Sousa Werneck já havia nascido aqui, em 1742. Na freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, bispado de Mariana, Minas Gerais, onde seu pai atuava como minerador e comerciante, cumprindo com regularidade o longo trajeto do Caminho Novo, que levava ao porto do Rio.

Recomendado por um colega no comércio carioca, o velho Werneck matriculara Inácio ainda garoto no Seminário São José, no Rio de Janeiro, devotando-o aos estudos e à vida religiosa. O colégio situava-se numa grande chácara no morro do Castelo, tendo aos fundos a capela de Nossa Senhora da Ajuda, culto de especial significado para os açorianos.

Inácio Werneck era um novinho de vinte e um anos quando, em 1763, deu-se a elevação do Rio de Janeiro a capital do vice-reino. Com ela, o primeiro vice-rei sediado na cidade, d. Antônio Álvares da Cunha, precisou de novas tropas militares para reforçar a segurança. Instituiu então as primeiras companhias de artilheiros e

decretou o alistamento obrigatório de quem não tivesse profissão. Criou, ainda, o batalhão de estudantes, força militar de auxílio. O conde da Cunha, como era chamado o vice-rei, fora sempre um grande crítico do número excessivo de noviços que, de modo a fugir do serviço militar, ingressavam nas ordens religiosas. Não sei se era esse o caso do capitão Werneck, mas ele foi pego na mesma rede que os demais, e acabou alistado na brigada de estudantes.

Foi durante seu progresso na carreira militar que, lá nos sertões da serra de Santana, a empresa civilizatória contra os índios coroados avançou na base do genocídio. E agora, tantos anos mais tarde, ele estava ali, já um experiente capitão (idoso para a época), dormindo ao relento na Serra Azul, com um olho aberto, responsável por acomodar o que restava do povo aniquilado e trazê-lo para o conforto da Igreja e da vida ao estilo europeu.

O peso da idade, ou a confiança excessiva na própria perícia e valentia, deve tê-lo feito subestimar a quantidade de guerreiros na aldeia que vira em festa. Pois ali o gentio se havia reunido em número suficiente para, enquanto uns se mostravam descuidados aos missionários, cantando e dançando, outros subirem o morro sobre o qual dormia o acampamento da terceira expedição, armando-se numa emboscada. Apesar da escuridão, os índios foram se juntando, vindos de todas as partes da floresta, e cercaram o grupo de tendas.

Do silêncio e do escuro, subitamente, a flecharia desabou. As setas atingiram os corpos dos soldados antes mesmo que acordassem. Quem sobreviveu à primeira carga pulou de pé e foi correndo buscar abrigo nos ressaltos do terreno. Na base do instinto, sem enxergar nada, os soldados começaram o contra-ataque. Brancos e índios, aos urros, trocaram tiros por flechas molhadas em crudelíssimas peçonhas. Mas era nítida a vantagem dos índios, em maior número e com a terceira expedição totalmente desorganizada.

Os primeiros tempos de Brasil Colônia já iam longe, mas a evidente “motivação facinorosa” — nunca esqueci a expressão — daqueles nativos, a ferocidade do ataque surpresa, convenceu a

todos os homens de Inácio de Sousa Werneck, instantaneamente, de que aquela era sua última noite no mundo. Os missionários mal conseguiam se defender da saraivada de dardos mortais, e muitos tiveram o crânio partido pelos golpes de tacape, ou seus braços e pernas arrancados do corpo a machadadas. Os que caíssem prisioneiros, tinham consciência disso, acabariam suplicia-dos e comidos pelos inimigos, em nome dos velhos tempos, em meio às mais chocantes manifestações de alegria bestial. Seria até melhor morrerem logo.

Após algum tempo, os missionários permaneciam em larga desvantagem numérica e estratégica. Alguns, em desespero de causa, simplesmente saíram correndo morro abaixo, embrenhando-se na mata virgem. Não fosse a escuridão, teriam sido trucidados sem muito esforço.

Inácio de Sousa Werneck, segundo a minha fonte, não foi dos que saíram fugidos. Mas também não foi, nem de longe, o herói da noite. Dizia o relato que, “em meio à luta espiritual, pegada à luta física, porém oculta dentro de nós, dignificou-se com louvor o padre Manoel Gomes Leal, capelão dos gentios”. Onde o líder militar da expedição falhara grosseiramente, o representante da autoridade religiosa daria uma aula de fé e coragem.

Durante os primeiros momentos do ataque, o capelão fez o que se esperava dele. Agachou-se junto aos feridos e procurou ajudá-los, oferecendo-lhes, mais que a integridade de seus corpos, uma extrema-unção em tempo recorde. A cada vez, com grande contrição, pediu perdão a Deus pelos pecados alheios.

Quando acabou de atender os moribundos, o padre Gomes Leal abandonou qualquer prudência e, sem explicação, ficou em pé, expondo-se inteiramente ao fogo cruzado. De vários pontos, partiram avisos do perigo que corria, mas ele continuou de pé. Flechas e tiros assobiavam à sua volta. Então, numa atitude completamente insensata, Gomes Leal acendeu uma candeia, fazendo de si um alvo ainda mais fácil. Com a luz iluminando seu rosto e alegria na voz, gritou aos missionários:

“Animem-se! Eu irei curar suas feridas e não os deixarei perecer desamparados!”

Vendo o capelão com a candeia acesa, e ouvindo-o perdido em delírios, os soldados tornaram a gritar para que afastasse a luz de si e do acampamento. Tal acesso de fanatismo punha em perigo a vida de todos, não só a dele. Nem assim o padre Gomes Leal tomou juízo. Não se acovardou, nem se acautelou. Pôs-se, isto sim, a gritar:

“À vista da luz de Deus, as trevas sempre fugiram!”

Os homens da tropa, certamente Inácio de Sousa Werneck junto com eles, deram o capelão como louco. As flechas e os tiros continuavam partindo de lado a lado, sem nenhum sinal de clemência por parte dos índios. Seus olhos esgazeados, seu discurso messiânico, tudo era delírio.

“À vista da luz de Deus, as trevas sempre fugiram!”, continuou gritando o padre Gomes Leal.

E rodopiava com a candeia na mão, num transe místico e suicida.

Quando tudo parecia perdido, contava então a minha fonte, os desvarios de fé do padre se cumpriram, milagrosamente. Diante da pequena candeia acesa, as flechas pararam de voar, os gritos acabaram e os índios puseram-se em fuga.

Segundo o tal padre cronista, ou padre-historiador, responsável por transmitir à posteridade os eventos ocorridos na serra de Santana, ninguém na tropa duvidou: Deus os livrara da morte encarnando no capelão Gomes Leal e na luz de sua candeia.

Só um espírito cético, devidamente citado e espezinhado, para registro de sua pouca fé, ousou duvidar da interpretação geral dos fatos. Segundo ele, os índios não haviam fugido pela força da luz divina, e sim por entenderem que a candeia era um chamado aos reforços da expedição, ocultos no matagal. Tais reforços não existiam, mas teriam sido, aos olhos competentes dos guerreiros indígenas, a única explicação plausível para aquele branco maluco ficar rodopiando no meio do tiroteio com uma lanterna na mão.

Afora aquele último combate, espasmo retardatário de orgulho e ferocidade, os aldeamentos feitos sob as ordens do capitão Inácio de Sousa Werneck transcorreram pacificamente. Em 1803, um ano depois dos acontecimentos no alto da serra, ergueu-se a aldeia de Nossa Senhora da Glória de Valença, sobre as ruínas do principal acampamento coroadado. Foi ela o primeiro grande marco na redução dos índios e na pacificação daquelas terras. Em 1812, ainda no comando de tropas civilizadoras, Inácio de Sousa Werneck abriu o importante Caminho da Aldeia, também chamado Estrada Werneck, que ligava a cidade de Iguaçu, na Baixada Fluminense, até o norte da capitania do Rio de Janeiro, na fronteira com Minas Gerais. Em seguida, estabeleceu a ligação de Valença e Santo Antônio do Rio Bonito, uma aldeia próxima, com a Estrada Real para as minas, e criou ramificações rumo a freguesias menos importantes, como a de Sacra Família do Tinguá, Azevedo e Pilar do Iguaçu. O progresso que iniciou fez surgir inúmeras aldeias por esses caminhos, que mais tarde virariam cidades.

Quando eu era criança, frequentando uma dessas cidades, achava muita graça na ideia do antepassado desbravador e seus homens, todos guerreiros rematados, varrendo o barro de seus casebres com o utensílio pelo qual a batizaram: Vassouras. O nome que haviam escolhido para o arraial não combinava com a imagem viril que deixaram nos livros de história. Como imaginá-los, sem achar ridículo, fazendo o trabalho das mulheres? O capitão Werneck, em suas memórias, conta que os morros da região eram cheios de arbustos, cujos galhos, quando secos, prestavam-se lindamente a serem amarrados na ponta de um cabo de madeira e usados para limpar o chão. E isso bastava para ele.

Favorecidas as comunicações e possibilitado o abastecimento contínuo das vilas, estavam criadas as bases para o sucesso da catequese nos aldeamentos da região. Mas a Coroa, uma vez aten-

dados seus interesses imediatos, desinteressou-se das populações conquistadas, e os índios não receberam o tratamento prometido.

Esse pedaço não oficial da história encontrei em outro documento, o diário que o próprio capitão escreveu, já nos anos 1820, e que um braço distante da família Werneck fez publicar tempos atrás. Ele conta que os sesmeiros da região continuaram impiedosos no trato com os índios, enquanto as terras prometidas pelo vice-rei para estabelecimento dos nativos sedentários e pacificados nunca foram concedidas, exceto uma, localizada na parte do sertão conhecida como Santo Antônio do Rio Bonito. Sem terem outra reserva onde morar, os índios acotovelaram-se com os brancos nos arraiais e nas cidades que iam surgindo, mas o contato com a raça branca espalhou entre eles inúmeras doenças, sobretudo a varíola, que por sua vez trouxe grande surto de fome. Foi tamanha a epidemia na região que se calculava em trinta mil o número de indígenas mortos no espaço de meses. Entre os que escaparam, muitos se venderam como escravos nas florestas, ou foram meter-se em casa de colonos portugueses e brasileiros, pedindo que lhes pusessem ferretes. A lei não os protegia de absolutamente nada.

Não sei se foi castigo divino, ou ironia da história, mas, quando os silvícolas, exterminados, deixaram de ameaçar o transporte de riquezas entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro, deu-se o esgotamento do ouro. Ele simplesmente acabou. Valença e Vassouras, as duas maiores cidades criadas pelo capitão Werneck e de onde viria a minha família, precisaram se reinventar. A região inteira precisou.

Inácio de Sousa Werneck morreria já aposentado, com dezenas de filhos, verdadeiro tronco genealógico, e dono de fazendas imensas. Em seu diário, escrito justamente durante a crise do ouro, fala com certa amargura da traição das autoridades aos índios e da inutilidade das muitas mortes que ajudara a promover. Talvez por isso ele tenha, depois de velho, retomado os estudos religiosos e se ordenado padre.

O esforço civilizatório do capitão foi salvo, num primeiro momento, pela migração dos mineradores desempregados. Toman-



do o rumo da capital, em busca de novos ofícios, eles acabavam ficando pelo caminho, atraídos pela fertilidade das terras. Com mais braços trabalhadores, a região dedicou-se ao cultivo da cana-de-açúcar. Mas a riqueza, antes passageira, amarelada e de perfil irregular, só voltaria mesmo tempos depois, sob a forma de grãos redondos e avermelhados.